

Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil



Eduardo Losso:

O terremoto tropicalista e sua monstruosidade barroca

Gilberto

Vasconcellos:

“Tropicália, triunfo do rico e aplauso do genocídio”

Frederico

Coelho:

Tropicalismo, “força fatal” da música popular

EMAIS

Ruy Braga:

A política do precariado e a mercantilização do trabalho

Jon Sobrino:

Caminhar com os pobres para construir uma teologia viva

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Eduardo Guerreiro Brito Losso:** O terremoto tropicalista e sua monstrosidade barroca
- 15 **Celso Fernando Favaretto:** Tropicalismo, uma revolução?
- 18 **Pedro Bustamante Teixeira:** Um movimento libertário?
- 21 **Frederico Oliveira Coelho:** Tropicalismo, “força fatal” da música popular
- 23 **Baú da IHU On-Line**
- 24 **Armando Almeida:** Tropicália, contracultura e indústria cultural
- 28 **André Monteiro:** Tropicália, marginália e a erosão das fronteiras culturais
- 31 **Pedro Rogério:** Um transbordamento impossível de aprisionar
- 34 **Júlio Cesar Valladão Diniz:** Poética da agoridade, deslizamento e permanência
- 36 **Gilberto Felisberto Vasconcellos:** “Tropicália, triunfo do rico e aplauso do genocídio”

DESTAQUES DA SEMANA

- 40 **ENTREVISTA DA SEMANA: Jon Sobrino:** Caminhar com os pobres para construir uma teologia viva
- 43 **TEOLOGIA PÚBLICA: Carlos Mendoza:** A espiral da violência, a superação do ressentimento e a gratuidade do bem
- 46 **LIVRO DA SEMANA: Ruy Braga:** A política do precariado e a mercantilização do trabalho
- 49 **Destaques On-Line**

IHU EM REVISTA

- 51 **Celso Sabadin:** Elefante Branco e uma igreja humana, demasiado humana
- 54 **IHU REPÓRTER:** Tânia Torres Rossari



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

O terremoto tropicalista e sua monstruosidade barroca

Marco da cultura nacional brasileira, o último movimento vanguardista representou uma transição para o pós-modernismo, acentua Eduardo Guerreiro Brito Losso. Há 30 anos não surge algo tão expressivo

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

Um mito de origem que fez a indústria cultural brasileira ingressar na fase pós-moderna. Assim Eduardo Guerreiro Brito Losso caracteriza o “terremoto tropicalista”, que unificou a “eureca da antropofagia com uma entrada simultaneamente simpática e subversiva na indústria cultural”. Em seu ponto de vista, o movimento “foi tão (in) fielmente oswaldiano que redimensionou e levou a antropofagia às últimas consequências”, disse na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para os estrangeiros, complementa, a bossa nova é mais palatável, clássica e compacta do que “a monstruosidade barroca do tropicalismo”. Exponente máximo dessa vertente, Caetano Veloso “soube fazer de sua vida a epopeia de um herói brasileiro, um semideus macunaímico”, algo como um Goethe verde amarelo: “Não acho exagero dizer que o que Goethe foi para a Alemanha Caetano

está sendo para o Brasil, desde o tropicalismo”. Losso fala, também, sobre o direito ao silêncio e o dever de se fornecer boa música: “A meu ver, o problema de cuidar do que o cidadão comum ouve todo dia é tão importante quanto o que ele come”.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Universität Leipzig, Alemanha, orientado por Christoph Türcke, com a tese *Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ cursou pós-doutorado. Leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e é um dos autores de *O carnaval carioca de Mario de Andrade* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011). Conheça seu site <http://www.eduardoguerreirolosso.com/>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o contexto de surgimento e qual era o objetivo do tropicalismo?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Não sou especialista em tropicalismo (e hoje não existem poucos), mas posso dizer que sou o primeiro e um dos únicos a escrever academicamente sobre uma de suas maiores realizações estritamente musicais: os Mutantes¹. Mas se escrevi esse artigo sobre eles foi justamente porque já

havia muita gente estudando os expoentes principais, Gilberto Gil² e, principalmente, Caetano Veloso³.

2 Gilberto Passos Gil Moreira (1942): músico e político brasileiro. Em fins de 1968, Gil e Caetano Veloso, cuja importância no Brasil era, e é, de certa forma comparável à de John Lennon e Paul McCartney no mundo anglófono, foram presos pelo regime militar brasileiro instaurado após 1964 devido a supostas atividades subversivas, de que foram taxados. Ambos exilaram-se por ocasião do AI-5 (Ato Institucional 5) do governo militar em vigência no Brasil a partir de 1969 em Londres. Nos anos 1970 iniciou uma turnê pelos Estados Unidos e gravou um álbum em inglês. De volta ao Brasil, em 1975 Gil grava Refazenda, um dos mais importantes trabalhos que, ao lado de Refavela, gravado após uma viagem ao continente africano, e Realce, formariam uma trilogia RE. Foi ministro da Cultura entre 2003 e 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Caetano Veloso (1942): músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Com

A pergunta leva a uma questão mais grave: o que dizer do tropicalismo? Se tanto já foi dito, devemos ser

uma carreira que já ultrapassa quatro décadas, construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada de grande valor intelectual e poético. Em 1969, é preso pelo regime militar e parte para exílio político em Londres, onde lança Caetano Veloso (1971). Transa (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, une-se a Gal, Gil e Bethânia para formar o Doces Bárbaros, típico grupo hippie dos anos 70, lançando um disco, Doces Bárbaros. Na década de 80 apadrinhou e se inspirou nos grupos de rocks nacionais, aventurou-se na produção dos discos Outras Palavras, Cores, Nomes, Uns e Velô, e em 1986 participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 90, escreveu Verdade Tropical (1997), e o disco Livro (1998) ganha o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ Os Mutantes: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocalis), Sérgio Dias (guitarra, vocalis) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocalis). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retorna em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan foi convidada a assumir os vocalis e desde então acompanha a banda. (Nota da **IHU On-Line**)

didáticos? Porém, não é da natureza de um movimento modernista ser antiprofessoral? Por outro lado, esse não é justamente um movimento literário-musical e um movimento de massa? E tanto a arte quanto a cultura de massa precisam ser devidamente mastigadas por nós, os introdutores didáticos do que um dia foi escândalo espetacular?

Antes de entrar na questão do início do terremoto tropicalista, é preciso observar o caráter mítico de um movimento artístico que virou marco histórico de uma cultura nacional. É uma história que de tão repetida e recontada virou mito: ascensão (relação com *Terra em transe*, Oiticica⁴, Zé Celso⁵), feitos heroicos (festivais, discurso *É proibido proibir*, Divino maravilhoso), sacrifício (prisão e exílio) e retorno. Já era mito em meados dos anos 1970. Virou obsessão tanto na imprensa e livros de jornalistas, quanto na universidade, já nos anos 1980. Quando o livro *Verdade tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), de Caetano, surgiu, o mito se confrontou com um texto autobiográfico e literário de peso que o inflou ainda

4 **Hélio Oiticica** (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

5 **José Celso Martinez Corrêa** (Araraquara, São Paulo, 30 de março de 1937): conhecido como Zé Celso, é uma das figuras mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

mais. O destino da história que tem a felicidade de ser lembrada é se tornar mito. E o tropicalismo é, digamos assim, um mito de origem: a entrada de uma nova fase da indústria cultural, a fase pós-moderna. E para ser breve: o contexto foram os festivais – inédita abertura da indústria cultural para experimentações – e a ditadura – inédito aprisionamento político da liberdade. O objetivo foi reposicionar a síntese modelar da bossa nova⁶ para um campo bem mais ampliado da música popular brasileira e das guitarras elétricas.

IHU On-Line – Quais eram as raízes culturais desse movimento?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Essas que acabei de mencionar, e mais: juntar a eureka da antropofagia com uma entrada simultaneamente simpática e subversiva na indústria cultural. Tornar a antropofagia pós-moderna, evidenciando a raiz antropofágica do próprio pós-modernismo. Por um lado, o tropicalismo foi muito preciso e determinado: teve de lidar com a oposição entre os defensores conservadores da tradição nacional e a mera aceitação reprodutora da influência internacional e, no meio disso, retomou a fórmula de pré-solução da bossa nova para o problema de reunião de avanços brasileiros e americanos (samba + jazz) que, por conseguinte, aplicado à nova configuração, não deixou de se opor ao *ethos* da bossa nova, aderindo às gritarias, estridências e surrealismos do rock⁷ lisérgico.

6 **Bossa nova**: derivado do samba e com forte influência do jazz, trata-se de um movimento da música popular brasileira do final dos anos 50 lançado por João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e jovens cantores e/ou compositores de classe média da zona sul carioca. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornou-se um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo, um grande exemplo disso é a música Garota de Ipanema composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Sobre o tema, confira a edição da IHU On-Line intitulada *Chega de saudade... Bossa Nova, 50 anos*, de 08-09-2008, disponível em <http://bit.ly/YzDFvb>. (Nota da IHU On-Line)

7 Sobre o tema, confira a revista *Rock 'n'*

Por outro lado, ele foi tão pluralista em sua palavra de ordem de manifesto, que se tornou forçadamente universalista: ele abarcou o Brasil em si e soube abarcar o mundo em sua imagem do Brasil. A solução antropofágica, somada ao internacionalismo intelectual dos concretos e a sabedoria de reunião local e internacional, bem como erudita e popular da bossa nova, cada uma dessas manifestações musicais e literárias foi exponenciada pelo tropicalismo: o movimento que trouxe todas elas para o âmbito de uma configuração definitivamente hegemônica e estável da cultura de massa que, a partir daí, tornou-se paradigmática até hoje: o pós-modernismo, o chamado hibridismo cultural, em termos tropicalistas, a geleia geral. Por isso, o tropicalismo foi aquele tipo de acontecimento cultural que soube fazer de sua especificidade uma negação determinada de seus próprios limites, extraindo forças, antropofagicamente, de outros movimentos poderosos (como a própria antropofagia!) e impondo-se naquele lugar que, precisamente no momento de seu surgimento, tornar-se-á o fundamento da massificação para as próximas décadas.

IHU On-Line – Em termos gerais, como você avalia o tropicalismo?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Ele foi tão (in) fielmente oswaldiano que redimensionou e levou a antropofagia às últimas consequências, conseguindo com isso, retrospectivamente, tornar mesmo a bossa nova ofuscada pelo seu alcance que, de verdade, foi muito maior. Inclusive sublinho o fato de a bossa nova, para o estrangeiro, ser mais clássica, compacta e compreensível que a monstruosidade barroca do tropicalismo.

A tropicália não foi só o último movimento vanguardista determinante do Brasil: foi já, em si mesmo, uma transição para o pós-modernismo e a resultante predominante de todos os outros movimentos. Mas, se estou incorporando a sua grandiloquência para caracterizá-lo, não posso deixar de dizer que sua predominância não

roll na veia. Edição 212, de 19-03-2007, disponível em <http://bit.ly/ySPITJ>. (Nota da IHU On-Line)

“incorpora” nem apaga o diferencial dos movimentos afins, muito menos deve ser motivo de descaso, desprezo e, pior, desconhecimento das tendências a ele divergentes ou, simplesmente, diversas.

É fato que foi o trabalho de conexão posterior de seus pivôs, Gil e Caetano, com os acontecimentos culturais e políticos os mais diversos, isto é, a prática estético-política progressiva da pluralidade do movimento numa integração crescente dos mais diversos fenômenos artísticos e pops, intelectuais e célebres, fez com que Gil e, principalmente, Caetano se tornassem, paulatinamente, epicentro de um oceano variável de debates e questões, bem como relações de poder e prestígio.

Precisamente porque a importância dessas figuras não deve diminuir a de outros integrantes do tropicalismo nem outros artistas que nada tem a ver com o mesmo, vale a pena entender o porquê do sucesso de seu maior expoente. A raríssima e feliz conjunção alquímica de Caetano ser ao mesmo tempo um poeta e pensador de primeira grandeza; uma celebridade marcante, cativante, carismática; um polemista constante, atento, impetuoso e corajoso; um observador certo do que ocorreu, ocorre e está para ocorrer; enfim, o caráter de homem apaixonado pela vida concreta e presente, logo, pelas complicações e aventuras da vida pública mais intensa, às vezes alegre, de sorriso leve e aberto, às vezes feroz (na sua incontrolável ira contra as mentiras jornalísticas), barrocamente disperso, prolixo, mas veloz e agudo, fez dele uma entidade apaixonante. Seu modo de gostar de ser elogiado obtém profundos elogios, seu narcisismo declarado e autocrítico instiga a devoção alheia, por mais irritante que possa ser a outros olhos; sua mãe, suas mulheres e amantes compõem a continuação épica do mito de origem que é o tropicalismo no mito homérico que é a vida de Caetano.

Semideus macunaímico

Sim, ele soube fazer de sua vida a epopeia de um herói brasileiro, um semideus macunaímico. E como todo herói grego tem de ser aristocrático, o menino de Santo Amaro se tor-

nou pivô essencial da pós-moderna aristocracia da celebridade. O “sol nas bancas de revista” é o rei Sol do mundo da celebridade e da cultura e, sinceramente, por mais que Pelé seja Pelé, a *persona* pública do craque do futebol não é páreo para o craque da arte de ser artista, intelectual e estrela. Ele retira declarações de amor bem diretas de músicos, atores, modelos, jornalistas, esportistas, políticos, bem como outras não tão indiretas, mas não menos emocionadas e sideradas, de antropólogos, críticos literários, colunistas, poetas, filósofos. Ele fez muito para se ligar a muita coisa – o que deriva de sua própria versatilidade de assimilar e dialogar com diversas instâncias – e, por conseguinte, uma multidão profusa anseia por estar ligada a ele. A tentação de se querer ser pai, filho, neto do tropicalismo é grande e, particularmente, do Superbacana.

Assim, o impacto, constância do “tempo tempo tempo tempo”, expansão e aprofundamento da influência de Caetano nos setores mais diversos (universidade, mídia, política e, como não poderia deixar de ser, música) fez dele, conseqüentemente, alvo de grosseira vituperação. Contudo, como seus adoradores são, em grande parte, muito finos e valorosos, em geral a defesa e contra-ataque, dele e dos seus, vence de longe as pedras e tomates, os quais, aliás, desde o discurso de “É proibido proibir”, fazem parte do show.

Porém, há também adversários de maior estatura, como Roberto Schwarz⁸, que terminam por se sentir extremamente incomodados com o alcance de seu domínio num setor que, em outros países, não poderia ser o dele (isso se ele não passa de um cantor de rádio), e resolvem escrever ensaios longos reconhecendo, por um lado, a grandeza literária de seu livro (o que é, na verdade, um tremendo dum troféu, vindo de quem vem) e, por outro, demarcando claramente

8 Roberto Schwarz (Viena, 20 de agosto de 1938): crítico literário e professor aposentado de Teoria Literária brasileiro. Um dos principais continuadores do trabalho crítico de Antonio Candido. Redigiu estudos sobre Machado de Assis elencados entre os mais representativos sobre o autor das Memórias Póstumas de Brás Cubas. (Nota da IHU On-Line)

território ideológico ao reforçar uma condenação antiga de condescendência com a ditadura. Em seguida, uma coluna de José Miguel Wisnik⁹, outra de Francisco Bosco, botam o pingos dos is e revelam que o calcanhar de aquiles de um dos maiores intelectuais de mundo, outrora difícil de focar, ficou à mostra numa condenação completamente despropositada. E anuncio de antemão: chegará o dia em que João Camillo Penna, um dos maiores nomes da ensaística teórica no Brasil hoje, apresentará uma senhora resposta devidamente fundamentada em forma de livro a vir. Em outras palavras: quando um Hércules resolve afrontar o leonino, sai perdendo no seu próprio território.

Há uma palavra interessante para se referir à história da cultura alemã: *Goethezeit*. A “época de Goethe”¹⁰ foi o período – longo e glorioso – de vida de Goethe, que abarcou Kant¹¹, revo-

9 José Miguel Soares Wisnik (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É também professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Graduado em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo (1970), mestre (1974) e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (1980), pela mesma Universidade. (Nota da IHU On-Line)

10 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque Fausto e Os sofrimentos do jovem Werther. (Nota da IHU On-Line)

11 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponi-

lução francesa, Schiller¹², pré-romantismo e idealismo alemão. Não acho exagero dizer que o que Goethe foi para a Alemanha Caetano está sendo para o Brasil, desde o tropicalismo.

IHU On-Line – Qual a diferença do termo “tropicália” para “tropicalismo”?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Quase não há. Os dois termos são usados com o mesmo sentido alternadamente. Título de uma instalação de Hélio Oiticica sugerido por Luis Carlos Barreto a Caetano, o nome “tropicália” é da impactante canção do grandiosíssimo álbum de 1967 com o primoroso arranjo de Julio Medaglia¹³. Devido à força de representatividade do movimento, tornou-se parte do nome do disco *Tropicalia ou Panis et Circencis*, que é sua grande produção e tem explícita função de manifesto.

O “ismo” veio de um texto de Nelson Motta¹⁴, que inaugurou a sua abundante fortuna crítica. Toda a questão da centralidade de Caetano no tropicalismo – por mais que isso seja discutível e problemático – foi antecipada no famoso trecho da letra: “Eu organizo o movimento / Eu orien-

to o carnaval / Eu inauguro o monumento no planalto central / Do país”.

IHU On-Line – Por que Caetano Veloso, no documentário *Tropicália*, diz que o movimento do tropicalismo não existe mais?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Se aguçarmos o nosso ouvido, perceberemos que ele já dá a resposta a essa pergunta na mesma ocasião da declaração: eles resolveram “sepultar” o movimento para não manter o compromisso de uma constante coerência entre eles, o que é muito sensato, pois eram figuras necessariamente diferentes (todo bom artista deve ser único), que se reuniram naquele momento por força das afinidades e do contexto, mas que estavam destinados a seguir cada um o seu caminho. Foi a decisão certa para, ao sacrificar a integração do movimento, imortalizá-lo para a história e, com um golpe de mestre, torná-lo mito.

IHU On-Line – Quais são as diferenças do tropicalismo em relação a outros movimentos, como a Jovem Guarda¹⁵? Qual foi a sua principal peculiaridade?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– A diferença em relação à Jovem Guarda é grande: esta era uma manifestação completamente atrelada à indústria cultural, devedora do lado mais inofensivo do rock americano; não tinha nenhum pensamento vanguardista nem o nível de complexidade de questões e conexões do tropicalismo. Porém, eles representavam uma abertura para internacionalização num ambiente nacionalista redutor e conquistaram simpatia até dos concretos. Para os tropicalistas, a relação com a Jovem Guarda foi essencial, pois era uma maneira de se opor aos entaves que eles queriam demolir.

É claro que as canções de Roberto Carlos¹⁶ são exemplares no seu gê-

nero, o que levanta uma questão que discuti em detalhes num artigo intitulado “Aspectos teológicos da teoria da cultura de massa...”. Umberto Eco¹⁷ foi, a meu ver, um dos primeiros teóricos que apresentou um argumento favorável ao valor não necessariamente elevado, mas genuíno, das diversas manifestações da cultura de massa, por lidarem com diferentes camadas de fruição, umas mais modestas, outras mais exigentes, e que não faz sentido julgar uma com base no critério de outra. Além disso, a efervescência constante da música pop apresenta, mesmo em seus produtos mais gritantemente apelativos, um material estético que, em vez de ser recusado pelo erudito sisudo, sempre pode ser apreciado e aproveitado de diferentes maneiras. Por exemplo, podemos rir às gargalhadas com as letras do funk carioca. Além disso, há coisas que despertam nosso gosto e não são, de fato, nada de mais, e outras que podem demonstrar grande esforço artístico, porém não nos conquistam.

Policimento de escolhas

No entanto, acho que, ainda que haja toda uma oscilação relativizante que tem sua razão em contestar os defensores da pureza da alta cultura, o debate deve sair dessa etapa e passar para outra. Roberto Carlos pode ser muito bom em seu gênero e dentro de seus limites, e, por isso mesmo,

estrelou um programa na TV Record, chamado Jovem Guarda (que batizou esse movimento de rock), e filmes inspirados na fórmula lançada pelos Beatles - como “Roberto Carlos em Ritmo de Aventura”, “Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-rosa” e “Roberto Carlos a 300km por Hora”. Atualmente continua se apresentando com frequência e produz anualmente um especial que vai ao ar na semana do Natal pela Rede Globo, mesma época em que costumavam ser lançados seus discos anuais. Segundo a ABPD, o Roberto Carlos é o artista solo com mais álbuns vendidos na história do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se Apocalípticos e Integrados, A estrutura ausente e Kant e o ornitorrinco. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo O nome da rosa, adaptado para o cinema. A ilha do dia anterior; Baudolino e A misteriosa chama da Rainha Loana são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

vel para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

¹² Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805): poeta, filósofo e historiador alemão, tido como o mais importante dramaturgo alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar. Sua amizade com Goethe rendeu uma longa troca de cartas que se tornou famosa na literatura alemã. Sua poesia também é famosa, como por exemplo a “An die Freude”, que inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Júlio Medaglia (1938): maestro e arranjador brasileiro. Ex-aluno de Pierre Boulez, Stockhausen e John Barbirolli, Medaglia foi fundador da Amazonas Filarmônica e dirigiu a Orquestra da Rádio de Baden-Baden e a Rádio Roquete Pinto. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Nelson Cândido Motta Filho (1944): jornalista, compositor, escritor, roteirista, produtor musical e letrista brasileiro. Filho de Maria Cecília Motta e Nelson Cândido Motta. (Nota IHU On-Line)

¹⁵ Jovem Guarda: programa televisivo brasileiro exibido pela Rede Record a partir de 1965. Os integrantes do programa foram influenciados pelo rock americano no final da década de 50, e faziam uma variação do rock batizada de “iê-iê-iê”. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Roberto Carlos Braga (1941): cantor e compositor brasileiro, um dos primeiros ídolos jovens da cultura brasileira, liderando o primeiro grande movimento de rock feito no Brasil. Além dos discos,

tem todo o direito de ser ovacionado e adorado pela multidão ao longo de décadas, enfim, de ter marcado profundamente a alma de tantos ouvintes. E isso justifica o fato de Caetano já ter declarado que não gosta de Led Zeppelin¹⁸, por achar “cafona”, mas adorar Daniela Mercury, Sandy e Júnior e etc. Logo, Roberto Carlos, que ainda é interessante, se tornou o primeiro de uma série de ternos acolhimentos que artistas de alto calibre, como Caetano e Gil, mas não só eles, Chico Buarque¹⁹ também, fizeram de gente de estrondoso sucesso e nenhuma qualidade. Devemos condená-los por isso? Não, discordo daqueles que se acham no direito de policiar escolhas afetivas de quem quer que seja.

Contudo, uma das lutas mais difíceis do surto criativo do rock dessa época e do tropicalismo foi a de romper com a separação de alta e baixa cultura, de modo a produzir obras de grande valor que não devem nada à chamada alta cultura, antecipando, até mesmo, a crítica a um preconceito europeizante tradicionalista ligado à hierarquização de formas e gêneros, que o modernismo iniciou o ataque, mas somente nessa época que foi decisivamente abalado. Foi isso que permitiu a artistas com grandes ambições estéticas conquistarem o território hegemônico da indústria musical.

Pró-caetanismo suspeito

Uma vez que, primeiramente, o jazz²⁰ e a bossa nova, depois o tropicalismo e o rock psicodélico e progressivo em geral, tenham feito uma conquista dessa dimensão, é contraditório e lamentável, depois, diluir essa mesma conquista e abraçar celebridades que nada contribuem para o valor intrínseco da obra de arte. E toda a crítica da opressão racista em torno da alta cultura, por mais importante que seja e por mais que devamos assimilá-la, não deve pulverizar a necessidade de se discutir o que é bom e o que não é na indústria musical de massa – só deve ser um fator de complexificação. Sempre me pergunto uma coisa: se não admitimos, na literatura, essa confusão, se continua sendo claro para todos que Paulo Coelho²¹ não é igual a Clarice Lispector²², porque na música pop teóricos

dos mais respeitáveis insistem em ver uma linha tão natural de evolução e afinidades entre tropicalismo e o lixo de todo dia?

Eu não posso deixar de me pronunciar: a cafonice de Led Zeppelin é infinitamente superior à de Daniela Mercury. Ainda que Caetano seja exemplar na maioria de suas atitudes (é o que acho), neste ponto ele não pode ser justificado, por mais malabarismos argumentativos que inventem. Peço aos seus fãs intelectuais que poupem tinta nesse caso e admitam que ele não será uma boa referência para introduzirmos um critério estético do que é bom e o que não é na indústria cultural. E não adianta evitar: isso é uma tarefa que todos estão adiando, mas que deve ser feita, por mais que haja fatores relativizantes a se interpor no caminho. A mania dos pró-caetanistas de se mobilizarem em justificar tudo o que ele diz e faz acaba se tornando suspeita.

Como figuras do porte de Caetano e Chico Buarque se tornaram profundamente influentes na universidade, entre os mais qualificados pesquisadores, aquilo que eles fazem com o direito de sua liberdade e com os motivos que, mesmo involuntariamente, podem ser, por que não?, o de se manterem na posição de celebridade, torna-se modelo para o juízo estético de pessoas como historiadores da música popular e críticos sérios. É evidente que eles não se sustentariam numa posição de visibilidade se se relacionassem somente com escritores de vanguarda; já que ocupam esse lugar de ambivalência, não penso que se deve condená-los por isso. No entanto, também não se deve aceitar tal atitude como boa em si. O que não pode ser “moralizado” também não deve virar motivo para a pura e simples inversão da necessidade de uma ética da crítica estética no terreno da cultura de massa. Por causa disso, aquilo que um dia, no auge do florescimento da melhor combinação de cultura pop e erudita, foi canonizado na história da MPB é posto ao lado de manifestações claramente ordinárias.

18 **Led Zeppelin**: banda britânica de rock, criada em 1969. Era formada por Jimmy Page, John Bonham, John Paul Jones e Robert Plant. Um de seus trabalhos antológicos é Led Zeppelin, de 1969. (Nota da IHU On-Line)

19 **Chico Buarque de Hollanda** (1944): músico, dramaturgo e escritor brasileiro, conhecido por ser um dos maiores nomes da MPB. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos, entre eles discos-solo, em parceria com outros músicos e compactos. É compositor de Construção, considerada uma das melhores músicas brasileiras já feitas. Filho do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, iniciou sua carreira como escritor em 1962. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A Banda. Socialista declarado autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão da regime militar do Brasil nos chamados “anos de chumbo”, tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. (Nota da IHU On-Line)

20 Sobre esse estilo musical, confira a revista **IHU On-Line** intitulada *Jazz. O som da surpresa*. Edição 139, de 02-05-2005, disponível em <http://bit.ly/TJcnLW>. (Nota da IHU On-Line)

21 **Paulo Coelho** (1947-): escritor brasileiro que tem ocupado, sistematicamente, as primeiras posições no ranking dos livros mais vendidos no mundo. Já vendeu mais de 65 milhões de livros, sendo o autor mais vendido em língua portuguesa de todos os tempos, ultrapassando até mesmo Jorge Amado. Em 2002, foi eleito para ocupar a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras. Dentre seus grandes sucessos editoriais, destacam-se *O diário de um mago* (1987), *O alquimista* (1988) e *Brida* (1990). (Nota da IHU On-Line)

22 **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da **IHU On-Line**, de

16-07-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível para download em <http://migre.me/qQHT>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Em que sentido o tropicalismo teve papel importante durante a ditadura militar, sobretudo na década de 1960?

Eduardo Guerreiro Brito Losso

– Penso que a atitude dos seus integrantes no momento da ditadura foi exemplar e considero a crítica de Roberto Schwarz completamente equivocada. Essa é uma questão que exigiria análises sociopolíticas específicas nas quais não me deterei por achar que não tenho algo relevante a acrescentar. Recomendo o ensaio de João Camillo Penna sobre o assunto que está para sair. Vou me ater à dimensão do valor estético, e Schwarz, que deveria estar tão preocupado com o problema quanto eu, não toca no assunto em seu ensaio; no entanto, penso que ele é bem mais importante para o que ocorre hoje do que acusações ideológicas a favor ou contra posicionamentos políticos.

O tropicalismo foi um dos principais esforços que abriram o uso da indústria cultural para realizações estéticas de alto calibre e, especialmente, para a irreverência vanguardista. De fato, o auge da boa relação entre a melhor arte e indústria cultural ocorreu mundialmente na época do nascimento do tropicalismo, com o rock psicodélico, de 1967 em diante, desmembrando-se em mananciais de boa música em torno de vários subgêneros, como jazz fusion. Aquele que se tornou abrigo para as mais criativas e ousadas realizações foi o rock progressivo, cujo período preponderante durou de 1970 a 1977. Ele levou a inovação e ruptura com a estrutura da canção a seus limites; enfim, houve vários desmembramentos de um princípio de aliança entre vanguarda e rock juvenil. Contudo, depois do movimento puramente destruidor que foi o punk, fruto da depressão econômica da crise do petróleo, a partir de meados de 1978 a indústria fonográfica iniciou um período de censura explícita de toda música que tenha alguma pretensão experimental e instaurou a ditadura da superficialidade. Se a ditadura militar foi política e estatal, abrangendo todos os países da América Latina, a ditadura mercadológica dos anos 1980 foi especificamente estética e mundial. A primeira ruiu, a segunda nasceu, cresceu e prosperou,

“A tropicália não foi só o último movimento vanguardista determinante do Brasil: foi já, em si mesmo, uma transição para o pós-modernismo e a resultante predominante de todos os outros movimentos”

determinando a mentalidade e o cotidiano da população como nunca, isto é, a segunda é o fruto oculto vencedor da primeira.

Produtores, rádios e camisas de força

Contudo, como muitos artistas, nessa época foram criados num ambiente mercadológico de recepção de ousadias, embora alguns tenham sido pegos de surpresa, outros souberam adaptar sua linguagem aos novos tempos. Alguns aderiram abertamente ao sucesso pelo sucesso, outros conseguiram conciliar resultados estéticos interessantes reformulando estilos estabelecidos ou dialogando com os novos; outros, da nova geração pós-punk, procuraram produzir algo singular a partir da nova linguagem. Dos integrantes do tropicalismo, aqueles que passaram a se chamar Doces Bárbaros, Caetano, Gil, Betânia²³, Gal²⁴ e, entre os ex-Mutantes,

Rita Lee²⁵, foram os que se tornaram bem sucedidos nessa virada. Gil e especialmente Caetano fizeram essa passagem muito bem. As canções de Caetano desse período são clássicos, há grandes letras e composições. Mas não podemos deixar de observar que, no plano instrumental, especificamente o musical, todos saíram perdendo em comparação com a sonoridade dos anos 1970. Os timbres são todos pobres, infantilizados, e os arranjos, mesmo os que pretendem ser mais elaborados, dão a impressão de total artificialidade diante da genialidade de Rogério Duprat²⁶ e do tipo de instrumentista que surgiu de 1968 em diante. Esse clima mediocrizante dos anos 1980 foi decisivo para uma canonização mortuária do rock psicodélico como algo a que o lado mais experimental da cena pós-punk pretendia se filiar e uma depreciação cínica do rock progressivo, por ser algumas manifestações dele mais arreadas ao entendimento fácil do público e não caber na camisa de força dos produtores e das rádios. Críticos que fizeram trabalhos importantes para a música brasileira, como Carlos Calado, cuja biografia dos Mutantes é referência obrigatória, da qual sou apreciador entusiasta, e Ezequiel Neves, movidos pela corrente determinante da indústria cultural, fizeram o deplorável papel de seus fieis soldados justificando o injustificável e prestaram um desserviço para a opinião e formação auditiva de milhões de pessoas.

mais conhecida como Gal Costa, (1945): cantora brasileira. Em 1968 participou do disco Tropicália ou Panis et Circencis (1968), com as canções Mamãe coragem (Caetano Veloso e Torquato Neto), Parque industrial (Tom Zé) e Enquanto seu lobo não vem (Caetano Veloso), além de Baby (Caetano Veloso), o primeiro grande sucesso solo, que se tornou um clássico. (Nota da IHU On-Line)

²⁵ Rita Lee: cantora, compositora e instrumentista brasileira. De seus discos, destacamos Lança perfume (1980). (Nota da IHU On-Line)

²⁶ Rogério Duprat (1932-2006): compositor e maestro brasileiro. Um dos maiores responsáveis pela ascensão da Tropicália, personalizando o som do então emergente movimento musical com arranjos bem elaborados, criativos e perfeitamente antenados com as tendências internacionais da época. (Nota da IHU On-Line)

²³ Maria Bethânia Viana Teles Veloso, mais conhecida como Maria Bethânia (1946): cantora brasileira. Segunda cantora feminina em vendagem de discos do Brasil e a de maior vendagem da MPB: 26 milhões de cópias. (Nota da IHU On-Line)

²⁴ Maria da Graça Costa Penna Burgos,

Cadeia ininterrupta de mediocridade

Ainda assim, um fenômeno milagroso como a Vanguarda Paulistana de Arrigo Barnabé²⁷ tornou-se, a meu ver, um fruto tardio do espírito de liberdade dos anos 1970 (não é à toa que parte do álbum *Clara crocodilo* tinha sido concebida ainda em meados dos anos 1970). Caetano apoiou milagres como esse e outros, como Hermeto Pascoal²⁸, que teve seu auge nessa época.

Onde eu quero chegar é que a ditadura do mercado dos anos 1980 foi criando muitos sucessos, a grande maioria ruins, que por sua vez foram se tornando clássicos, que influenciaram outros piores ainda, de modo que se criou uma cadeia ininterrupta de mediocridade. Já se passaram mais de 30 anos sem que um movimento forte tenha conseguido criar um contexto de realizações potentes e aparecido com força nas rádios. Algo um pouco melhor que, por vezes, surge é sempre rara exceção. Ao mesmo tempo, os historiadores e críticos não pontuam a factualidade do mal e colocam maravilhas do passado ao lado de nomes insossos.

Francamente, acho que falta um movimento sério de pressão contra o império absoluto da banalização no espaço nobre da indústria cultural, já que, depois dos anos 1970, ficou provado que esse pode ser um espaço de cultivo da sensibilidade estética para boa música e poesia. Se a luta do tropicalismo foi contra o ufanismo e a separação entre alta e baixa cultura, e eles venceram; falta agora, uma vez conquistado o direito de poder fazer grande arte na indústria cultural, inserir trabalhos criativos e elaborados nela. E, por mais abertos

27 **Arrigo Barnabé** (1951): músico e ator brasileiro. Seu reconhecimento para o grande público veio logo com o primeiro disco, *Clara Crocodilo*, em 1980, quando foi recebido pela imprensa como a maior novidade na música brasileira desde a tropicália. Em suas composições, Arrigo mistura elementos e procedimentos da música erudita do século XX a letras ferinas sobre a vida na grande cidade. (Nota da IHU On-Line)

28 **Hermeto Pascoal** (1936): compositor, arranjador e multi-instrumentista brasileiro (toca acordeão, flauta, piano, saxofone, trompete, bombardino, escaleta, violão e diversos outros instrumentos musicais). (Nota da IHU On-Line)

“Eu não posso deixar de me pronunciar: a cafonice de Led Zeppelin é infinitamente superior à de Daniela Mercury”

e sensíveis que sejamos às diferentes camadas de gosto e valores, falta politizar a indústria de massa para fins de formação cultural cultivada. Considero isso um dever político de primeira mão, muito maior do que a politiquice de todo dia.

A meu ver, o problema de cuidar do que o cidadão comum ouve todo dia é tão importante quanto o que ele come. Pode ainda faltar, mesmo depois do Bolsa Família, comida no prato de muitos no Brasil, mas não falta rádio, TV e alto falantes berrantes invadindo nosso espaço auditivo a todo instante, o que podemos tranquilamente chamar de poluição sonora. É imprescindível, portanto, politizar o direito ao silêncio, em primeiro lugar, e o dever de fornecer boa música, em segundo.

IHU On-Line – Por que este movimento, ao menos no início, sofreu grande rejeição por parte dos acadêmicos e jovens da época?

Eduardo Guerreiro Brito Losso – Justamente porque havia uma esquerda tacaña que via na guitarra um inimigo, isto é, via o inimigo exatamente no lugar errado; e acadêmicos que não estavam preparados para aceitar que um movimento ligado à cultura de massa era capaz de uma proposta estética sofisticada. Comprovar no plano teórico, poético e musical que isso era possível foi a grande conquista, nos EUA, da associação do *drop out* rebelde dos beatniks²⁹ com os roquei-

29 **Beatnik**: Movimento iniciado em São

ros; na Inglaterra, um grupo de jovens de sucesso garantido, os Beatles³⁰, resolveram simplesmente revolucionar a história unindo o mais extremo carisma com o mais extremo bom gosto experimental; no Brasil, entusiasmados pelo estopim dado pelos Beatles, os tropicalistas sofisticaram ainda mais a aventura com a nova síntese de bossa nova, diferentes tradições populares musicais e teorias antropofágicas e concretistas. O gênio intuitivo e poético de Caetano, cujo disco de 1967 tornou-se o grandioso pontapé inicial, foi seguido disco do Gilberto Gil de 1968, junto com os Mutantes. Logo em seguida, apareceu o primeiro disco dos Mutantes, que, em termos de experimentação e trabalho formal musical, superou os dois anteriores e iniciou a carreira da maior realização artística da indústria musical de massa da história do Brasil. Um disco de Gil, o *Cérebro eletrônico*, de 1969, e todos os álbuns d’Os Mutantes são, a meu ver, a melhor e maior realização artística do tropicalismo e sustento que são, também, de toda a história da música popular brasileira, sendo ombreados somente pelo Chico Buarque de *Construção*, o Walter Franco de *Ou não* e, anos depois, pelo Arrigo Barnabé de *Clara crocodilo*. É claro que, se eu considero esses álbuns os melhores, não quero diminuir, muito menos apagar, o peso de Jorge Ben³¹,

Francisco em meados da década de 1950, provocando grandes alterações nas consciências das pessoas e culminando com uma grande vitalidade cultural que desembocou no movimento hippie do final dos anos 1960. (Nota da IHU On-Line)

30 **The Beatles**: banda de rock inglesa, criada no final da década de 1950. Formada por John Lennon (guitarra e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal), George Harrison (guitarra e vocal) e Ringo Star (bateria e vocal), obtiveram notoriedade até hoje. (Nota da IHU On-Line)

31 **Jorge Ben Jor** (1945): guitarrista, cantor e compositor popular brasileiro. Seu estilo característico possui diversos elementos, entre eles: rock and roll, samba, samba rock (termo que gosta de usar), bossa nova, jazz, maracatu, funk, ska e até mesmo hip hop, com letras que misturam humor e sátira, além de temas esotéricos. A obra de Jorge Ben tem uma importância singular para a música brasileira, por incorporar elementos novos no suingue e na maneira de tocar violão, com características do rock, soul e funk norte-americanos. Além disso, trouxe influências árabes e africanas, oriundas de sua mãe, nascida na Etiópia. (Nota da IHU On-Line)

Milton Nascimento³² e alguns outros, que devem ser mencionados como figuras simpáticas ao tropicalismo, porém essencialmente diferenciadas em termos de mundivisão estética.

Isso que faço agora – tomar posição para elencar o que é o melhor – é infinitamente problemático. Eu mesmo não acredito, em certo sentido, nesse gesto, principalmente no campo da historiografia da literatura. Mas, no campo da música popular, ele é necessário, pelo menos para pontuar uma posição dentro da discussão do cânone em construção, que não vai deixar de existir com argumentos relativizantes.

Toque de Midas

Depois do tropicalismo, vários outros cantores e grupos se beneficiaram da porta que eles abriram, influenciados ou não. Não há dúvida da grandeza de Secos e Molhados³³, Novos Baianos³⁴, João Bosco e, especialmente, Raul Seixas³⁵. Percebe-se

“Num país de analfabetos reais e funcionais e ameaçado com o perigo de diversos fundamentismos, figuras políticas como Gil, Caetano, Wisnik e Cícero são indispensáveis”

até que tudo o que o tropicalista Rogério Duprat tocava, como o primeiro álbum de João Bosco, *Ou não*, entre outros, virava ouro. Certos grupos, conhecidos só por aficionados, foram extremamente criativos, como o Módulo 1000.

Nos anos 1980, período que, como já disse, foi triste, embora quem tenha assimilado a mediocridade como uma grande coisa ache ser maravilhoso, produziu, sim, trabalhos interessantes, especialmente em letras de teor poético e crítico como as de Lobão³⁶, Renato

Russo³⁷, Titãs³⁸ e Cazuza³⁹, e o clima cômico e leve de Blitz, Eduardo Duzek, Fausto Fawcett, entre outros. Insisto, porém, que todos esses nomes são bem menores do que a grandeza das melhores realizações dos anos 1970, ficando Arrigo como o herói, realizador do grande disco da época.

Se houve uma primeira ruptura no ano de 1967 na indústria musical, que podemos chamar de um surto vanguardista criativo e contestador no interior da cultura juvenil, e uma segunda, em 1978, introdutora da ditadura da superficialidade e do espírito conservador, na segunda metade dos anos 1990, com o advento da internet, ocorreu uma pulverização da centralização hegemônica da mídia, o que permitiu um novo surto criativo descentralizador, porém muito menor do que o dos anos 1960-1970, é preciso ressaltar. O esgarçamento da estrutura da canção introduzido pelo rock progressivo com fins experimentais, que nos anos 1980 foi recusado, nesse momento tornou-se inteiramente bem sucedido e motivou a crise chamada de morte da canção, que não é morte, sem dúvida, mas abalo, com certeza, feito pelo hip hop e pela música eletrônica. Esta última foi responsável pelas melhores tentativas de experimentação rítmica e timbrística, mas perdeu a vitalidade instrumental da banda de rock, embora algumas bandas tenham encontrado a sensatez de conciliar o melhor das duas coisas. No Brasil, eu destaco, nesse período, o grande instrumentista e compositor que é Guinga, o fervor rítmico e potencial poético de Chico Science e Nação Zumbi⁴⁰ e a ironia

32 **Milton Nascimento** (1942): cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Mineiro de coração, tornou-se conhecido nacionalmente, quando a canção “Travessia”, composta por ele e Fernando Brant, ocupou a segunda posição no Festival Internacional da Canção, de 1967. Em 1998, ganhou o Grammy de Best World Music Album in 1997. Foi nomeado novamente para o Grammy em 1991 e 1995. (Nota da IHU On-Line)

33 **Secos & Molhados**: grupo vocal brasileiro da década de 1970 cuja formação clássica consistia de João Ricardo (vocal, violão e harmônica), Ney Matogrosso (vocal) e Gérson Conrad (vocal e violão). João havia criado o nome da banda sozinho em 1970 até juntar-se com as diferentes formações nos anos seguintes e prosseguir igualmente sozinho com o álbum *Memória Velha* (2000). (Nota da IHU On-Line)

34 **Os Novos Baianos**: conjunto musical brasileiro, nascido na Bahia, ativo entre os anos de 1969 e 1979. Eles marcaram a música popular brasileira e até o rock brasileiro dos anos 70, utilizando-se de vários ritmos musicais brasileiros que vão de bossa nova, frevo, baião, choro, afoxé ao rock n’ roll. O grupo lançou oito trabalhos antológicos para MPB. Influenciados pela contracultura e pela emergente Tropicália. Contava com Moraes Moreira (compositor, vocal e violão), Baby Consuelo (vocal), Pepeu Gomes (Guitarra), Paulinho Boca de Cantor (vocal), Dadi (baixo) e Luiz Galvão (letras) entre outros. (Nota da IHU On-Line)

35 **Raul Santos Seixas** (1945-1989): cantor e compositor brasileiro, frequentemente considerado um dos pioneiros do

rock brasileiro. Também foi produtor musical da CBS durante sua estada no Rio de Janeiro, e por vezes é chamado de “Pai do Rock Brasileiro” e “Maluco Beleza”. Sua obra musical é composta de 21 discos lançados em seus 26 anos de carreira e seu estilo musical é tradicionalmente classificado como rock e baião (Nota da IHU On-Line)

36 **Lobão** (1957): cantor, compositor, escritor, multi-instrumentista, editor de revista e apresentador de televisão brasileiro. Sua carreira musical é marcada por grandes parcerias; compôs sucessos como “Me Chama”, muito famosa na voz de vários intérpretes, e “Vida Louca Vida”, conhecida na voz de Cazuza. Apesar de ter surgido e conseguido sucesso no ambiente marginal e underground do rock brasileiro nos anos 80, Lobão vem dialogando com diversos gêneros, como o samba, ao longo de sua carreira. (Nota da IHU On-Line)

37 **Renato Manfredini Júnior (1960-1996)**: conhecido como Renato Russo. Cantor, compositor e baixista da banda brasileira Legião Urbana. (Nota da IHU On-Line)

38 **Titãs**: banda de rock brasileira formada em São Paulo, em 1982. Ativa há trinta anos, tornou-se uma das quatro maiores bandas do BRock, ao lado de Legião Urbana, Os Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho. Algumas de suas músicas de maior sucesso são Sonífera Ilha, Flores, Polícia, Família, Comida, O Pulso, Go Back, Domingo. (Nota da IHU On-Line)

39 **Cazuza** (1958-1990): cantor e compositor brasileiro que ganhou fama como vocalista e principal letrista da banda Barão Vermelho. Sua parceria com Roberto Frejat foi criticamente aclamada. (Nota da IHU On-Line)

40 **Nação Zumbi** (1997): banda brasileira,

grotesca de Zumbi do Mato (que fez mais esforço para não aparecer na mídia que Os Racionais MCs) como os melhores trabalhos que conheço.

IHU On-Line – A seu ver, poderia haver um tropicalismo do século XXI? Em que sentido?

Eduardo Guerreiro Brito Losso – Sim e em diferentes sentidos. Há um aspecto importante que eu preciso mencionar: o tropicalismo, especialmente Caetano, seguiu uma tradição de afirmar e pensar o Brasil que se iniciou com Gilberto Freyre⁴¹ e se coloca como uma alternativa decisiva a uma postura depreciante do país. Se muitos grandes pensadores brasileiros tendem a incorporar valores europeus de juízo da cultura, outros procuraram entender, em caracterizações teóricas peculiares, como a cordialidade de Sergio Buarque⁴², a ambivalência de uma in-

nascida no início da década de 1990, em Recife, capital do estado de Pernambuco, a partir da união do Loustal, banda de rock pós-punk, com o bloco de samba-reggae Lamento Negro, e originalmente chamava-se “Chico Science & Nação Zumbi”. O líder e vocalista da banda, o cantor e compositor Chico Science, fundou, junto com a banda Mundo Livre S/A, o movimento Manguebeat. Ao lado de bandas como Raimundos e Planet Hemp, foi responsável pela “abertura de portas” para o rock brasileiro dos anos 90, sendo uma das mais influentes bandas brasileiras de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

41 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madonnina, em 1969. Entre seus livros, cita-se: *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível para download em <http://migre.me/69teH>. (Nota da IHU On-Line)

42 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Idéias, de 22-08-2002, o

“É imprescindível (...) politizar o direito ao silêncio, em primeiro lugar, e o dever de fornecer boa música, em segundo”

capacidade negativa para a disciplina e um relaxamento positivo de fronteiras de classe e hierarquia, bem como uma disposição de leveza e alegria diante da vida, diferente da melancolia europeia. Roberto Schwarz, crítico privilegiado do tropicalismo, acentuou o lado negativo da cordialidade; José Miguel Wisnik, pensador da cultura brasileira inteiramente ligado a Caetano, acentua o seu lado positivo. Wisnik, que motivou Caetano a escrever *Verdade tropical*, autor de *O som e o sentido* e *Veneno remédio*, é sem dúvida a referência de primeira mão do pensamento brasileiro hoje que incorporou, no melhor sentido, a ruptura da separação entre alta e baixa cultura a favor de uma interpretação da cultura na sua abrangência, pontuando a continuidade do melhor de uma com o melhor de outra; lembro, por exemplo, a emblemática comparação entre Machado de Assis⁴³

tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003, disponível em <http://bit.ly/iYypBD> Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/jwktif> (Nota da IHU On-Line)

43 **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999),

e Pelé em *Veneno remédio*. Do ponto de vista político, a insistência nos valores avançados, democráticos e laicos da modernidade feita por Caetano, um ateu que defende o direito de minorias, foi teoricamente desenvolvida por Wisnik e por Antonio Cícero, que além de filósofo e letrista é um dos maiores poetas hoje. Num país de analfabetos reais e funcionais e ameaçado com o perigo de diversos fundamentalismos, figuras políticas como Gil, Caetano, Wisnik e Cícero são indispensáveis.

A volta dos Mutantes

Foi desse meio vigoroso que surgiu um ensaísta simultaneamente modesto (compara-se ao jogador de futebol de salão, que se esmera em dribles em espaço curto) e primoroso, influenciado pela escrita de Roland Barthes⁴⁴, especialmente no livro *Banalogias*, mas já aí soube trilhar caminho próprio: Francisco Bosco. Ouso dizer que o melhor fruto do tropicalismo, o melhor filho de Caetano, não está na música, está no ensaísmo deste atual colunista do Globo. E não exagero ao dizer que suas colunas são a melhor coisa que já li em jornal, pois combina simplicidade, rigor estilístico, discussões éticas e estéticas envolvendo posicionamentos lúcidos e admiráveis, com versatilidade semelhante à de Caetano e Wisnik, mas com o gosto barthesiano pela concisão clássica, melhor dizendo, o “clássico moderno” do texto de prazer. Contudo, o livro que mais gosto dele foi aquele em que a clareza harmoniosa foi abalada por conflitos internos, *E livre seja*

que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Mailde Trípoli, em 20-04-2007, no link <http://migre.me/qR3n>, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://migre.me/qR47>, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/qR4B>. (Nota da IHU On-Line)

44 **Roland Barthes**: 1915-1980, crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam: *Elementos de semiologia* (1965), *Sistema da moda* (1967), *O Império dos signos* (1970). (Nota da IHU On-Line)

este *infortúnio*, de 2010, o qual contém, aliás, um ensaio sobre o Arnaldo Batista⁴⁵ dos Mutantes, que, por sua vez, dialoga com meu artigo sobre Os Mutantes publicado na revista *Cultura brasileira contemporânea*, organizada por ele mesmo, de 2006. Francisco foi também coordenador da Rádio Batuta do Instituto Moreira Salles, que hoje está com Paulo da Costa e Silva. Francisco fez e Paulo está fazendo um belo trabalho de resgate histórico e documental da música popular.

Voltando para a música, Francisco Bosco, que começou sendo poeta, foi também letrista admirável da nova safra de discos de seu pai João Bosco, que é um dos melhores trabalhos atuais da geração iniciada nos anos 1970. Gil e especialmente Caetano estão sempre surpreendentemente antenados e seus álbuns atuais também são interessantes. O novo disco de Tom Zé⁴⁶, *Lixo lógico*, é bom e tem pelo menos uma canção forte: “Tropicalea Jacta Est”.

Depois do retorno dos dois irmãos dos Mutantes juntos tocando seus sucessos, eles se separaram de novo, mas Sérgio Dias⁴⁷ encabeçou um novo disco, *Haih or Amortecedor*, de 2009, que foi solenemente ignorado, mas contém grandes canções e está também entre as melhores coisas produzidas pelos mestres hoje, talvez até a melhor, confirmando a potência do maior banda do Brasil até hoje. Recomendando uma faixa arrasadora: “Querida, querida”.

Verve satírica

Sérgio Dias, de todos os tropicalistas, foi aquele que sustentou, nos seus trabalhos, na sua posição estético-política, em várias entrevistas, a posição mais digna e firme que conhe-

45 Arnaldo Dias Baptista (1948): cantor e compositor brasileiro, mais conhecido por seu trabalho com Os Mutantes. (Nota da IHU On-Line)

46 Antônio José Santana Martins (1936), mais conhecido como Tom Zé: compositor, cantor e arranjador brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

47 Sérgio Dias Baptista (1951): guitarrista, cantor e compositor brasileiro, mais conhecido por seu trabalho com Os Mutantes. (Nota da IHU On-Line)

“A ditadura do mercado dos anos 1980 foi criando muitos sucessos, a grande maioria ruins, que por sua vez foram se tornando clássicos, que influenciaram outros piores ainda, de modo que se criou uma cadeia ininterrupta de mediocridade”

ço. Seu trabalho mutante isolado do disco de 1974, *Tudo foi feito pelo Sol*, e de 1975, *o A e o Z*, mesmo que tenha perdido a irreverência das letras, em termos musicais chegou a ganhar qualidades, em alguns aspectos, em relação aos discos anteriores: é rock progressivo. Não se equipara ao melhor do gênero que lhe serviu de modelo, Yes e Genesis, mas também não fica muito atrás. Décadas depois, com o disco atual, Sérgio Dias demonstra saber retomar à verve satírica, com novas doses críticas, do princípio. Eu sou não só um fã, eu me identifico com toda a trajetória de Sérgio Dias, declaro abertamente. Ela me inspira assim como Caetano o fez com outros.

Mas não é só de tropicalistas e seus filhos que se faz o melhor de hoje. O movimento mais diferencial e determinante na música e na discussão sobre estética e ética na indústria cultural está em pessoas que, de certo modo, estão procurando um lugar para além do tropicalismo, comprometidos com os problemas que se acumularam dos anos 1980 para cá. Há um grupo de compositores de altíssimo nível que

foram chamados, numa matéria na primeira página do Segundo Caderno do Globo de fevereiro, de “Geração fora do tempo”, mas eles mesmos se intitulam **Coletivo Chama**; como disse um deles, Pedro Moraes: “As questões que nos interessam não estão nas relações do homem com seu tempo, mas com o infinito”. Fiquei especialmente aliviado em me deparar com músicos que estão questionando abertamente a mediocridade da indústria fonográfica hoje e procurando, em seus trabalhos, nadar contra a corrente. Embora Lobão também tenha um posicionamento interessante a esse respeito, eles são mais consistentes. Um gesto como o de Pedro Moraes alimenta minha esperança em todo o nosso futuro. Eles apontam justamente para o que estou chamando de politização qualitativa do espaço nobre da indústria cultural.

Há um programa deles na Rádio Roquette-Pinto todas as sextas, *Rádio Chama*, que é nada mais nada menos do que uma obra prima de seleção musical, bom humor e estratos literários, tudo coordenado em torno de um eixo temático, a cada semana. E o trabalho de Pedro Moraes, banda Escambo, Armando Lôbo, Edu Kneip e Sérgio Krakowski é revelador de uma nova cena que promete muito.

Termino com seu maior expoente. Thiago Amud, no CD *Sacradança*, é de tudo o que citei de século XXI aqui, a maior realização, pois é aquela que extrai dos anos de ouro da boa música suas lições e está criando algo de fato diferente e dando sangue novo. Thiago Amud tem sido ignorado pela mídia mas, no seu abrigo sombrio, ele é a melhor coisa que ouvi desde Arrigo Barnabé. Não me importa o que aparece e o que acontece por aí, só o infinito importa! e, para mim, Thiago nasceu clássico.

Leia mais...

>> Eduardo Guerreiro Brito Losso já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *A mística e o enfrentamento radical da miséria humana*. Revista **IHU On-Line**, edição 401, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/OUdCbT>